

## PINGA-FOGO

■ **O VICE DE LULA** - O jantar que o prefeito do Rio, Eduardo Paes, ofereceu a Lula e Janja na Gávea (nada) Pequena pode ter sido o pontapé inicial para consolidar o nome de André Ceciliano como o indicado do PT para ser candidato a vice-prefeito da capital. Ceciliano tem recebido uma atenção especial do presidente, que o incluiu na comitiva oficial e viajou no avião presidencial.

■ **SEM ADVERSÁRIOS** - Eduardo Paes estava até sensível de aceitar um vice do PT. O crescimento do nome ligado a Bolsonaro abria a janela para um nome de fora. Depois da implosão do deputado Alexandre Ramagem, o nome de Pedro Paulo voltou a ser o preferido. Porém, a pressão presidencial deixa Paes de saia justa.

■ **GUANABARA** - Quem sai um gigante para 2026 é o prefeito Waguinho. A todos, o presidente Lula afirma que a eleição de governador passará por Belford Roxo.

■ **O TRIÂNGULO DOS VOTOS** - O triângulo das bermudas da política é formado pelo Rio, Minas e São Paulo. Nada acontece por acaso nestes estados que decidem as eleições. O olhar de Lula é cirúrgico nessas regiões. Para a turma do PT, o governador mineiro Romeu Zema está em voo de galinha. Não faz sucessor e será engolido por Rodrigo Pacheco. O PT vai engolir a prefeitura de Belo Horizonte. Em São Paulo, Lula aposta na vitória de Guilherme Boulos e na sedução de Tarcísio de Freitas pelo sonho de ser presidente. A aventura paulista é um trampolim. No Rio, a reeleição de Eduardo Paes é dada como certa e querem seduzir o governador Cláudio Castro, um governante cordial e que não trará problemas para o governo federal. Tê-lo até o final do mandato é não criar surpresas e ter algo que ameace o PT e a sucessão nacional em 2026. Quem viu a química de Lula e Castro em Magé, já sentiu que o jogo de sedução já começou. Espaço para conversa ao pé do ouvido.

■ **DESISTINDO** - Subiu no telhado a ideia de Lula assistir o desfile na Sapucaí. Foi desaconselhado pelo GSI e o medo de uma vaia. A ausência presidencial amplia a lista de convidados de Eduardo Paes, que teve o camarote reduzido. O espaço, porém, deverá ser usado para as autoridades federais interessadas no desfile.

■ **LIRA COBRA EXPLICAÇÕES DE NÍSIA** - No mesmo dia em que bateu duro no governo, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), apresentou ele mesmo um requerimento de informações à ministra da Saúde, Nísia Trindade, para que explique os critérios de destinação dos recursos da pasta para as áreas de média e alta complexidade. A informação é do jornalista Guilherme Amado, do site Metrôpoles. O requerimento é decorrência da informação exclusiva da coluna Magnativa, que mostrou que Nísia destinou alta quantia ao município de Cabo Frio um mês antes de seu próprio filho se tornar secretário municipal de Cultura.

■ **NÃO É COMUM** - Não é comum o próprio presidente da Câmara fazer esse tipo de requerimento. Se, por um lado, aponta para a gravidade do ato de Nísia, por outro também faz parte dos ataques de Lira ao governo. O que o presidente da Câmara pretende é demonstrar que a destinação orçamentária feita pelo Executivo pode ser passível de irregularidades e desvios, necessitando igualmente de fiscalização.

■ **INVESTIMENTOS** - A multinacional de aviação GE Celma vai investir R\$ 500 milhões na expansão da sua unidade no interior do Rio de Janeiro, em Bemposta, distrito de Três Rios. O projeto recebeu nesta terça-feira (06), a licença municipal para o início das obras. É estimada a geração de 2,5 mil empregos diretos e indiretos na região.



## MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com



@colunamagnavita



Divulgação

O presidente Lula iniciou a agenda de compromissos na Baixada Fluminense (RJ) nesta terça-feira (06) no município de Magé, ao lado do prefeito da cidade, Renato Cozzolino, e do governador Cláudio Castro. Na oportunidade, Lula entregou 832 unidades habitacionais do programa 'Minha Casa, Minha Vida', além de anunciar a construção de institutos federais em cidades da Baixada. A cordialidade entre Castro e Lula na cerimônia foi observada por muitos. Teve até conversa ao pé do ouvido



Eduardo Anizelli/Folhapress

Na edição da coluna no último dia 17 de janeiro, chamamos Waguinho de o "Prefeito de Lula". Já nesta edição, temos ainda mais essa comprovação. Com essa sua aproximação com o presidente e a receptividade a ele nesta terça-feira em Belford Roxo, sai gigante para 2026

■ **DEIXOU ESCAPAR** - Um investimento importante que o prefeito de um município vizinho deixou escapar. A GE Celma que tem a matriz em Petrópolis opção por expandir em outro município por encontrar mais incentivos para o setor, um trabalho que começou lá atrás, durante a gestão do ex-prefeito Vinicius Farah. Em Petrópolis, o prefeito Rubens Bomtempo abriu mão quando entrou na Justiça contra a GE Celma em 2022 para aumentar o índice de participação municipal no ICMS. Conseguiu uma liminar, que ainda tramita na Justiça, e acabou comprometendo o orçamento municipal.

■ **HOSPITAL GERAL DE JAPERI** - Com a presença de Lula na Baixada Fluminense, nesta terça-feira (06), a prefeita de Japeri, Fernanda Ontiveros (PT), logo tratou de estar junto ao presidente da República em um dos seus compromissos na cidade de Belford Roxo. Inclusive, a prefeita tem estado com frequência em Brasília na busca por recursos federais para o município da Baixada, cumprindo agendas com ministros e parlamentares. Em um post nas redes sociais, a gestora petista enalteceu o encontro com Lula, dando ênfase na prontidão do presidente em ajudar no projeto de criação do Hospital Geral de Japeri, que em muito contribuirá nas condições de acesso aos

serviços de saúde, não apenas dos japerienses, mas também da população de municípios vizinhos.

■ **MILITÂNCIA EM FESTA** - A militância do Partido dos Trabalhadores na Baixada Fluminense estava em polvorosa nesta terça-feira com a chegada do presidente Lula à região. Os investimentos federais não foram os motivos exclusivos de tal agitação. Mas, simultaneamente, a capacidade de recuperação de um território que já foi predominantemente petista, e que por conta de sucessivos percalços e fatos políticos, foi se dissolvendo com o fortalecimento do bolsonarismo nos últimos anos. O PT na Baixada quer recupe-

rar prefeituras importantes, já administradas pelo partido, como Nova Iguaçu, Mesquita e Paracambi, além de manter apoios fundamentais, como em Belford Roxo (através de Matheus Carneiro, sobrinho de Waguinho), Japeri (com a reeleição de Fernanda Ontiveros), e a possibilidade do apoio ao ex-prefeito Zito (PV), em Duque de Caxias, construções que possuem peso e significado na estratégia eleitoral da legenda na Baixada e, obviamente, contarão com Lula como o principal cabo eleitoral.

■ **COORDENAÇÃO DE CAMPANHA** - O prefeito de Paraty, Luciano Vidal, do MDB, arregaçou as mangas e está de olho em outubro. Ele está convocando uma reunião para o próximo dia 8, véspera de Carnaval, com a finalidade de discutir a coordenação da campanha das eleições municipais. "Um convite importante para nossos membros, correligionários, parceiros, amigos e representantes dos partidos que apoiam o atual governo municipal", disse o prefeito, pré-candidato à reeleição. Aliás, Vidal participou da filiação do vice-governador Thiago Pampolha ao MDB, em São Paulo, e o parabenizou pela entrada no partido.

■ **SERFIOTIS QUER FORTALECER LIDERANÇAS** - O prefeito de Porto Real, Alexandre Serfotiotis, também está com as turbinas ligadas para o pleito de outubro. Já na segunda-feira, dia 05, teve uma reunião com o deputado estadual Marcelo Canella, do União Brasil. "Com muito trabalho, Porto Real está voltando a ter força junto às principais lideranças políticas do estado do Rio. Estamos juntos pelo desenvolvimento de Porto Real e pela consolidação do União Brasil na nossa região", sacramentou, Serfotiotis, que é do PSD do vice-presidente da República, Geraldo Alckmin, seu aliado.

## Fernando Molica

## Diretas para o sucessor de Lira

Para que o país seja fiel à histórica luta pelas Diretas Já é preciso acabar com a eleição indireta para o cargo mais poderoso da República, o de presidente da Câmara dos Deputados. Em seu discurso na abertura do ano legislativo, o atual presidente da Casa, Arthur Lira (PP-AL), bancou quem manda no dinheiro público — ou seja, no país — é o Congresso Nacional.

Pela visão de Lira, o presidencialismo previsto pela Constituição e referendado em 1993 é um biombo de um parlamentarismo que não ousa dizer o próprio nome, até porque não quer saber de assumir as responsabilidades de governo.

O que está em jogo não são políticas públicas, opção por este ou aquele modelo de gestão, discussões sobre maior ou menor presença do Estado na vida nacional. A disputa é por verbas, pelo direito de o Congresso ignorar sua função primordial de fazer leis — daí ser o Poder Legislativo — e assumir funções do Executivo

Deputados e senadores que tanto reclamam de usurpação de suas funções pelo Judiciário acham normal retirar atribuições da Presidência

da República. É até admissível que parlamentares possam destinar alguma verba para suas bases, mas o que passou a ocorrer nos últimos anos representa uma absoluta distorção da lógica de governo.

O direito de os parlamentares definirem o destino de cerca de 25% do pouco dinheiro que sobra para investimentos contraria princípios mínimos da administração pública. E não vale repetir a lenga-lenga de sempre, a de que deputados e senadores conhecem melhor as prioridades de suas bases. Para isso existem governadores e prefeitos, que dispõem de uma série de mecanismos de transferência de renda para estados e municípios.

Mesmo que não sejam levados em conta eventuais desvios facilitados pela pulverização de verbas oriundas de emendas parlamentares, não dá pra imaginar que um país desse tamanho seja formado por um conjunto de milhares de unidades autônomas, cidades que seriam quase soberanas, como peças de um quebra-cabeças sem identidade.

Governos centrais existem para definir e executar políticas públicas amplas, que de-

vem levar em conta interesses regionais, desde que subordinados ou pelo menos ligados a objetivos mais genéricos. Distribuir verbas tendo como critério fundamental o atendimento interesses paroquiais inviabiliza projetos que encarem o país como um todo.

Essa história de fazer de cada deputado e de cada senador uma espécie de prefeição mina o processo institucional, consagra a lógica dos negócios entre amigos. Cidade que tem prefeito adversário do deputado da região acaba prejudicada; há também casos em que as emendas são enviadas para instituições privadas, para que não caiam em mãos de governantes locais tidos como inimigos.

Dono do privilégio de iniciar um processo de impeachment de presidente da República, respaldado pelo apoio dos deputados irrigados por tantas verbas, Lira tem noção do próprio poder, força que precisa em parte manter mesmo depois que deixar a presidência da Câmara, daqui a um ano. Como não sabemos quem será o novo mandachuva, melhor é radicalizar e garantir o direito de eleger o futuro senhor das verbas.

## Alexandre Garcia

## A via dolorosa de Lula

Segunda-feira reabre o Congresso. Ao arripio da Constituição, que manda reabrir a 2 de fevereiro. Mas quem se importa hoje com a Constituição? Não custa lembrar Thomas Sowell: "A Constituição não pode nos proteger se não protegemos a Constituição". Enfim, é um risco que todos corremos, com nossos direitos. No dia 5 reabre o Congresso e o Presidente da República vai ver que o duro janeiro vai ser o melhor dos meses deste 2024. De cara, a Frente Parlamentar Evangélica espera revolta, por mais um atrito que o governo criou sem precisar. A despeito do que diz o art. 150 da Constituição, a Receita fez uma interpretação para cobrar imposto dos evangélicos. Cerca de 300 milhões de reais. Mais uma frente a se unir à bancada do agro e das armas, contra decisões que só afastam o governo dos votos de que precisa no Congresso. Esse ambiente favorece a emenda negociada por Campos Neto, para consolidar a autonomia do Banco Central - o governo quer o Banco Central pendurado na fiscalização do Conselho Monetário.

Janeiro foi cheio de reveses para o governo, embora a propaganda oficial se esforce para mostrar o contrário. O mês

começou com o Diário Oficial mostrando a lei do marco temporal, em que 374 derrubaram os vetos do Presidente. Se o governo entrar no Supremo, o desgaste vai continuar, e não apenas com a imensa bancada do Agro. O 8 de janeiro, que era para ser uma festa da Democracia Inabalável, teve as significativas ausências do Presidente da Câmara e de 15 governadores. Dois dias depois, por vontade de Lula, o Brasil aderiu à denúncia de genocídio contra Israel. O Tribunal Internacional não aceitou e ainda sugeriu que o Hamas deva libertar os reféns. Depois, o New York Times mostrou que funcionários da Agência da ONU em Gaza participaram do massacre de israelenses. O governo do Brasil fica com cara de quem apoia terrorista.

No dia 18, em Pernambuco, Lula reavivou a Refinaria Abreu e Lima, cujo preço se multiplicou várias vezes. O Presidente acusou o Departamento de Justiça dos Estados Unidos de prejudicar a Petrobras, provocando mais um atrito. Anunciou que o Brasil vai tocar a obra mesmo sem o aporte enganoso de Chavez. A isso somou-se à perplexidade do mercado quando o BNDEs anunciou 300 bilhões para ajudar indústria, soando

como o velho protecionismo, e derrubou a Bolsa. Além disso, com a promessa de facilitar licenças ambientais para a Vale, o governo tentou impor Guido Mantega como CEO da Vale, empresa privatizada há 27 anos. O mercado levou um susto e as ações despencaram. O governo não entende que PREVI, com 8,6% das ações da Vale, é dos funcionários do Banco do Brasil, e não do Tesouro.

E antes que janeiro terminasse, saíram os números do Tesouro, com um rombo de 230 bilhões em 2023. A receita subiu 2,12% e os gastos 12,55%. A Medida Provisória que tenta revogar a decisão de 438 congressistas sobre a prorrogação da desoneração da folha é outro símbolo das fricções que o governo tem provocado. O Congresso reabre e não vai aceitar a MP. Neste reinício ainda vai vir a reação de deputados e senadores ao veto a mais da metade dos 11 bilhões de emendas, no orçamento deste ano. Emendas já anunciadas pelos autores a seus prefeitos e suas bases. Não deve ser uma reação branda, mas fisiológica e dura como uma pedra. A via dolorosa de Lula vem sendo pavimentada pelo próprio Presidente, não com as pedras da oposição.